



PLANTAS MEDICINAIS: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE CURA EM ALMANAQUES NA CIDADE DE IBIARA - PB (1960 – 1990)

Lilian de Lima Beserra¹
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
E-mail: lilianbeserra19@gmail.com

ORIENTADORA: Rosilene Alves de Melo²
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
E-mail: rosileneamelo@gmail.com

O estudo focaliza uma discussão sobre os costumes e práticas médicas em almanaques, tendo como sujeitos sociais agricultores que se utilizavam desses escritos para as mais diversas formas de consumo, como para o conhecimento astrológico, medicinal ou profético. Tendo em vista que esses saberes populares estão relacionados a uma questão de costume cultural, algo comumente realizado e compartilhado entre os ibiarense.

Para a presente pesquisa utilizamos como recorte espacial a cidade de Ibiara – PB, nos anos de 1960 a 1990. Para o estudo de caso utilizamos dezoito almanaques datados entre as décadas de 1960 e 1990, onde foram localizados no acervo particular de Levi Beserra de Sousa com características de conservação regular. Temos, portanto, como objetivo, analisar a resistência do saber médico popular a partir das plantas medicinais contidas nos almanaques, assim também como a presença de rezadeiras, benzedores e parteiras, em meio a um contexto da chegada dos saberes médicos científicos, a partir da década de 1960.

¹Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande no Centro de Formação de Professores – UFCG/CFP.

²Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande no Centro de Formação de Professores – UFCG/CFP.



É por meio da metodologia da História Oral e com base nos almanaques que desenvolveremos essa análise. Os agricultores que utilizavam os almanaques eram pertencentes à elite da cidade, destacados por serem fazendeiros e que sabiam ler e escrever. Através de uma relação de trabalho dos fazendeiros com os seus trabalhadores, os saberes do almanaque eram passados a outros agricultores, havendo uma circularização não somente em meio a elite.

A cidade de Ibiara aos poucos foi desenvolvendo-se, de forma a exercer determinadas relações com outras cidades do interior que também mudavam seu panorama citadino. No ano de 1940 quando ainda não havia emancipado-se, a cidade mesmo que ainda de forma incipiente passou a compartilhar em seu meio com algumas conquistas materiais, aproximando-se de um ideal de modernização urbana. Percebemos esse ideal de modernização com a edificação da Escola Estadual França Leite, a Farmácia de “Sinhô Rodrigues” e uma Casa de saúde.

Percebemos, a partir de leituras sobre os discursos médicos na Paraíba, no início do século XX, as formas de “bem viver” começam a serem inseridas, através da imprensa, do discurso pedagógico, nas cidades paraibanas. A higienização e beleza dos corpos tornam-se uma questão “preocupante” tanto do Estado quanto dos médicos, pois como apresenta Júnior (2012) aderir às práticas de exercícios físicos em busca do corpo saudável e atlético “significava cultuar a civilidade, a higienização, a beleza. Uma forma de reinterpretar a vida considerada moderna como uma metáfora de saúde e do bem estar”.

Nesse momento, o discurso higienista era relevante, principalmente, nas capitais paraibanas, pois a presença de parteiras, rezadores através de seus cuidados e o uso do almanaque na cidade de Ibiara era o objeto de fé e cura, de forma a preencher a ausência de médicos científicos neste período, havendo a presença de um parteiro, ele proprietário da farmácia em Ibiara e também dentista, conhecido e chamado por todos



da cidade para assistências. “Sinhô Rodrigues”³ era o homem que oferecia o seu trabalho (cobrava pelo atendimento), a partir dos seus conhecimentos médicos sem nenhuma formação, dando assistência a população ibiarense.

A ideia de “progresso”, como apresenta Agra (2007) seria dar lugar ao *novo*, ao científico, rompendo com costumes “atrasados”. A cura deveria vir por meio de receitas, prontuários médicos e medicamentos, pois estas eram práticas que compactuavam com a nova urbe e seus ideais de modernidade. Contudo, em Ibiara, as parteiras e “Sinhô Rodrigues” eram, rotineiramente, chamados por aqueles que moravam longe da cidade e não tinham como se deslocar até o meio urbano para serem atendidos por médicos, como também pelas pessoas residentes na urbe, e mesmo aqueles que fossem levados à *casa de saúde*, eram as parteiras que realizavam o trabalho, o médico só era acionado em casos considerados de “emergência”.

O almanaque popular é um livreto com informações direcionadas, principalmente, aos agricultores, identificando os meses de enchentes e de seca durante o ano, o tipo de plantação que iria prosperar, o valor das mercadorias agrícolas, as fases da lua propícia ao plantio, saberes medicinais, horóscopo, conselhos, versos. Seria um guia, objeto de fé e religiosidade para as pessoas que o utilizavam, como forma de dizer o caminho e as “receitas” a serem feitas para ocorrer tudo bem durante o ano e a vida.

Tomando como fonte de análise “O Nordeste brasileiro”, almanaque utilizado para esse estudo, da autoria do pernambucano Manoel Luiz dos Santos circulou por várias cidades no interior do Nordeste, mas para essa análise e mediante nossas fontes ainda não conseguimos localizar quais as cidades que as profecias e os saberes de Manoel Luiz chegaram por meio do almanaque. A feira livre da cidade era o meio onde, ao final ou início de ano, os agricultores, principalmente, se deslocavam até a cidade muito ansiosos, para adquirir o livreto que nortearia seus plantios, sua saúde, sua vida.

³ Reconhecido e respeitado pela população ibiarense e circunvizinha pelo seu dom de curar tanto através das rezas quanto pelo uso de objetos considerados modernos para aquele período. Pois o mesmo utilizava-se de espátulas no momento do parto.



Os escritos apresentam as “plantas do mato” que são descritas como forma de curar as doenças como sífilis, diarreia, e também problemas do coração e do fígado, entre outras. Na fala de Terezinha, agricultora, residente no sítio Lagoa Seca, município de Ibiara e uma leitora do “O Nordeste brasileiro”, deixa perceber em sua fala que estas práticas eram realizadas, cotidianamente, pois sem a presença de médicos não havia outra maneira de cuidar-se e curar-se, para além da fé nas rezas dos (as) benzedores (as) e os saberes medicinais apresentados no almanaque. O primeiro passo a ser dado era a casa da comadre ou da vizinha que fosse rezadeira para que com a reza a febre baixasse, o vômito estancasse, a cabeça esfriasse, o peito fechasse, o mal olhado saísse. Quando a dor do parto chegava era também à hora de recorrer aos saberes de “Sinhô Rodrigues” para que ele junto com seus equipamentos ajudassem no nascimento de mais um menino ou menina.

Embora tenha ocorrido à influência do Estado e dos discursos médicos nessas cidades interioranas, através da imprensa, do discurso pedagógico nas escolas, são as práticas de cura consideradas “atrasadas” que prevalecem no sertão. Apesar da chegada desses saberes científicos não há uma ruptura com os costumes populares de cura, pois a fé era o componente da religiosidade desse povo, algo que levava a resistência ao saber científico moderno, recorrendo, cotidianamente, as pessoas que se autodenominavam possuírem o *dom* de Deus para curar: as rezadeiras, rezadores, parteiras.

PALAVRAS CHAVE: Alto Sertão Paraibano, Práticas de cura, Almanques.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Giscard Farias; A URBS DOENTE MEDICADA: a higiene construindo Campina G(g)rande, 1877 a 1935. In: História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 24. , 2007, Rio Grande do Sul. Anais complementares. Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2007.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de; SANTOS, Leonardo Querino dos; Só é sujo e doente quem quer (?) – Representações médicas na Paraíba do início do século XX, Revista de História Regional, Paraná, v. 20, p. 130 – 148, 29/05/2015.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos; Santuário da Saúde: corpo e educação physica na Paraíba no início do século XX. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. Uberlândia – MG. Vol. 9. Ano IX. nº 3. Setembro/Outubro/Novembro/Dezembro de 2012.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos; Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912 – 1924). 2011. 198 f. Dissertação (Mestrado em História – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SANTOS, Manoel Luiz dos; Almanaque O Nordeste brasileiro. 1976.